

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**MÁRCIA MARIA NOGUEIRA FERREIRA**

**O PROFESSOR E OS DESAFIOS VIVENCIADOS NO PROCESSO  
DE FORMAÇÃO DE LEITORES**

**CAIAZEIRAS – PB**

**2005**

MÁRCIA MARIA NOGUEIRA FERREIRA

**O PROFESSOR E OS DESAFIOS VIVENCIADOS NO PROCESSO  
DE FORMAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho Monográfico conclusivo apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, sob orientação da professora Lis de Maria Martins.

CAJAZEIRAS - PB

2005



F383P Ferreira, Márcia Maria Nogueira.  
O professor e os desafios vivenciados no processo de formação de leitores / Márcia Maria Nogueira Ferreira.-  
Cajazeiras, 2005.  
61f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Formação do leitor. 3. Leitura - ensino e aprendizagem. 4. Leitura - histórico. I. Martins, Lis de Maria. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

MÁRICA MARIA NOGUEIRA FERREIRA

**O PROFESSOR E OS DESAFIOS VIVENCIADOS NO PROCESSO  
DE FORMAÇÃO DE LEITORES**

APROVADA EM \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

ORIENTADORA:

---

LIS DE MARIA MARTINS

Aos professores da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto, que incentivaram contribuindo para que assim pudéssemos concretizar esse trabalho.

A todos aqueles que acreditam na educação como meio de transformação social, viabilizando uma sociedade mais justa e igualitária.

## A DEUS

Em tudo que existe, vemos a perfeição do Criador.

Ao homem, dedicou carinho especial, fazendo-o à sua imagem e semelhança, deu-nos inteligência e força para cada dia superar os obstáculos que na vida encontramos.

Agradeço por tantos anos e por ter permitido superar mais esta etapa.

Hoje, de coração, posso dizer: obrigada, Senhor, por tudo.

## AO MEU ESPOSO

Ao meu esposo Damião Ferreira de Sousa e filhas Mariana Ferreira Nogueira e a que carrego em meu ventre.

Pelo amor, companheirismo e incentivo.

Seria muito difícil chegar até aqui sem a presença de vocês em minha vida.

## AOS FAMILIARES

Especialmente minha mãe, Maria de Lourdes Nogueira, que sempre lutou pela felicidade de seus filhos.

Mãe, guerreira e amiga, sua presença foi fundamental para a construção do ser humano que sou hoje.

## AO PAI AUSENTE (Mário Antonio Nogueira – in memoriam)

Hoje, já não está conosco pois Deus exigiu sua presença.

Nem te conheci, mas sei que está orgulhoso por sua filha.

Por essa razão, você comemora comigo esta conquista, tendo a certeza de que será sempre lembrado.

## AOS MESTRES

Minha homenagem aos que proporcionaram o acesso a conhecimentos que foram fundamentais ao nosso processo de formação e o serão também ao exercício de nossa profissão.

Obrigada.

## AOS AMIGOS E ESPECIALMENTE COLEGAS DE TRABALHO

Pelo apoio, compartilhando os momentos de estudo, e a disposição em sempre querer ajudar sem medir esforço.

ENFIM, a todos as pessoas, parentes e amigos, que de certa maneira, ajudaram na elaboração deste trabalho, valorizando meu esforço e contribuindo para a realização de um sonho.

A todos,

OBRIGADA.

*Quando se distribuem as responsabilidades entre professores e alunos em relação à leitura para possibilitar a formação de leitores autônomos, quando se desenvolvem na aula e na instituição projetos que dêem sentido à leitura, que promovam o funcionamento da escola como uma microssociedade de leitores e escritores da qual participem as crianças, pais e professores, então... sim, é possível ler na escola.*

Delia Lerner

## SUMÁRIO

### Resumo

1- Introdução .....	10
2- O professor e os desafios vivenciados no processo de formação de leitores .....	13
2.1- Leitura e realidade brasileira: um breve histórico .....	13
2.2- Leitura: da necessidade à compreensão .....	14
2.3- O tratamento da leitura nas salas de alfabetização .....	17
2.4- Leitura: transcrição ou construção .....	22
3- Metodologia .....	29
3.1- Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto e seus aspectos físicos e estruturais .....	30
4- Análise dos resultados .....	34
4.1- Análise do questionário .....	34
4.1.1- Concepções e práticas docentes referentes ao processo de leitura e escrita .....	34
4.1.2- Quanto ao hábito de leitura .....	34
4.1.3- A respeito dos tipos de leitura que costuma fazer .....	35
4.1.4- Materiais que os professores utilizam na sala de aula para trabalhar leitura .....	36
4.1.5- Quanto as estratégias de leitura utilizadas pelos professores e m sala de aula .....	36
4.1.6- Analisando as metodologias adotadas em sala de aula para desenvolver o uso da leitura e da escrita .....	37
4.1.7- Ao serem questionadas se o trabalho com a leitura poderia interferir no processo de ensino-aprendizagem .....	38
4.1.8- Quanto à importância da leitura .....	39
4.1.9- Desafios no ensino da leitura .....	41
4.1.10- Questionadas sobre como avaliar suas práticas de leitura em sala de aula .....	42
4.1.11- Com relação às atividades que se fazem relevantes <sup>as</sup> ao trabalho docente para a formação de leitores .....	43

4.2- Análise do estágio .....	45
4.2.1- Refletindo a prática docente na formação de leitores: implicações e desafios vivenciados .....	45
5- Algumas Considerações .....	55
6- Referências Bibliográficas .....	57
7- Anexos .....	59
7.1- Questionário .....	59
7.2- Fotografias das professoras em encontro .....	61

## RESUMO

A presente pesquisa objetiva discutir os desafios vivenciados pelos professores no processo de formação de leitores. Buscando subsídios teóricos metodológicos e propondo práticas pedagógicas de leitura que venham emergir no sujeito a necessidade e o desejo de ler. A pesquisa contou com a participação de oito professoras da primeira fase do ensino fundamental, que lecionam no turno manhã, na EMEIF Antônio Lacerda Neto, município de São José de Piranhas – PB. Utilizamos o questionário para fazermos a coleta de dados, após a sua aplicação passamos a realizar o nosso estágio, promovendo encontros com os sujeitos da pesquisa. Evidenciamos que os mesmos deparam-se com inúmeros desafios, tendo destaque para a falta de material didático, desinteresse dos serventes e também dos alunos, a não participação dos pais, a dupla, e muitas vezes até tripla, jornada de trabalho em que o professor é submetido devido à desvalorização salarial. Mediante o exposto, acreditamos na possibilidade de contribuir para um refletir sobre a prática docente e os desafios vivenciados, possibilitando o acesso a novos conhecimentos teóricos que contribuem para uma formação mais sólida, discutindo novas alternativas de trabalho que favoreçam enfrentar ou mesmo vencer tais desafios, privilegiando a formação crítica e consciente do leitor, viabilizando um despertar para uma sociedade mais justa e igualitária.

## 1- INTRODUÇÃO

Vivemos em um país letrado, onde aqueles que dominam a leitura e a escrita exercem o poder sobre os que não a possuem. Uma sociedade que visa o favorecimento da classe dominante, por meio de sua ideologia, mascarando a realidade, oprimindo e explorando os dominados, na busca da manutenção de sua hegemonia.

Somos conhecedores do quanto a leitura é importante para o processo de desenvolvimento e da aprendizagem dos educandos. São vários os estudos realizados sobre a questão da importância da leitura. Entendida, como uma prática de liberdade e prazer, que favoreça o desenvolvimento cognitivo da criança. Uma leitura tão definida por FREIRE (2001: 20) quando diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ler para compreender, intervir, indagar, proporcionando o exercício da cidadania.

Segundo PEREZ & GARCIA (2001) um dos objetivos básicos da educação na sociedade pós-moderna trata sobre o desenvolvimento da autonomia e da criticidade dos educandos, como agentes ativos do processo de construção do conhecimento. E diante dos variados estudo indagando a relevância da leitura para a formação do cidadão consciente, crítico e reflexivo, ainda nos deparamos com práticas de leitura que favorecem apenas a aquisição mecânica de decodificação, em que o aluno aprende a ler, mas não se torna leitor.

Dentro dessa perspectiva, realizamos esse trabalho objetivando investigar quais são os desafios vivenciados pelos professores no processo de formação de leitores.

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto. Onde contamos com a participação de oito professoras que lecionam no turno manhã. A referida escola fica localizada à rua Odom Bezerra, sn, no centro de São José de Piranhas, cidade localizada no alto sertão paraibano. Fundada em 1985 atendendo a população carente do município, crianças que residem em bairros populares, enfrentando os mais variados problemas sociais.

A opção pelo tema surgiu da necessidade dos próprios educadores, que vivenciam no seu cotidiano a angústia de conviverem com o fracasso da evasão e da repetência, gerando a baixa auto-estima dos educandos, que chegam as terceiras e quartas séries sem saberem ler, bem como as disparidades entre séries em curso e a idade das crianças e/o adolescentes.

Procedemos com a aplicação do questionário que proporcionou obtermos informação necessária para averiguar questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Posteriormente realizou-se o estágio supervisionado que viabilizou refletir e discutir a temática em estudo, aprofundando conhecimentos que se fazem necessários a prática do ensino.

Analisar a escola enquanto instituição que trabalha desenvolvendo práticas de leitura e como essa prática é vivenciada. Conhecer a concepção dos docentes sobre a função e importância da leitura, identificando os principais desafios que podem vir a intervir no processo de formação do leitor, torna-se fundamental para que pudéssemos possibilitar o acesso a conhecimentos teóricos que nos levou a refletir sobre o processo de aquisição da leitura, discutindo novas possibilidades de trabalho, que favoreça o desenvolvimento de uma prática voltada à formação do leitor crítico e reflexivo.

Portanto, é preciso colocar em prática saberes que são indispensáveis ao desenvolvimento de uma práxis voltada para a construção do conhecimento, em que a leitura seja instrumento de transformação e prazer, aceita pelos alunos como um momento de construção e descobertas e não como obrigação. Devemos repensar a nossa prática, refletindo sobre as possíveis causas desse fracasso escolar, especialmente no que se refere a leitura.

Toda essa problemática proporcionou uma visão mais ampla <sup>acerca</sup>, levando-nos a discutir e refletir <sup>sobre</sup> a nossa prática enquanto formadores de leitores. Haja vista, os problemas enfrentados, por se viver em um país com tantas riquezas, porém <sup>com</sup> tantas desigualdades. Problemas esses, que se tornam mais agravantes por não terem consciência do porque eles acontecem, já que vivemos em um país aonde o índice de analfabetos chega a ser alarmante.

Neste sentido, procuramos contribuir socialmente no sentido de proporcionar maior aprofundamento da temática “leitura”, gerando reflexões em torno da prática pedagógica dos docentes.

O presente trabalho está estruturado seguido as seguintes etapas:

Na primeira etapa, apresentamos o referencial teórico que está dividido em cinco capítulos: primeiro – leitura e realidade brasileira: um breve histórico – onde fazemos um resgate histórico do processo educacional brasileiro, pois é preciso conhecer os fatos históricos para que possamos compreender a realidade atual. O segundo capítulo trata das – definições sobre leitura: da necessidade a compreensão do mundo – onde procuramos enfatizar a importância da leitura para a formação crítica. No terceiro capítulo – o tratamento da leitura nas salas de alfabetização – propomos discussões retratando que desde muito cedo

as crianças já têm contato e convivem com a leitura e a escrita, tendo a escola a responsabilidade social de dar continuidade a esse processo. Os encontros promovidos por mim junto das oito professoras da E.M.E.I.F. Inst. Educ. Antonio Lacerda Neto, na cidade de São José de Piranhas – PB, gerou e revelou idéias e concepções docentes sobre o ensino da leitura.

Dando seqüência à quinta parte faço minhas considerações em torno do apanhado, discorro sobre a importância desses encontros para todos os envolvidos nos estudos, apontando que contribuições formais ou poderão ser válidas para melhorar a qualidade do processo ensino aprendizagem. Finalizo apresentando as referências bibliográficas que deram suporte teórico-metodológico as minhas considerações e argumentação, permitindo a outros que desejam adentrar em estudo sobre temática leitura e escrita referência de renomados autores da área em estudo.

## **2 – O PROFESSOR E OS DESAFIOS VIVENCIADOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES**

### **2.1 - LEITURA E REALIDADE BRASILEIRA: UM BREVE HISTÓRICO**

*“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma  
continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a se  
o mundo pela magia da nossa palavra.  
O professor, assim, não morre jamais”.*

*- Rubem Alves - (em o professor)*

Podemos constatar que o nosso sistema de ensino, desde o período da colonização, vivenciou modos diferentes de conceber a educação. A educação formal atendia aos filhos da elite, enquanto que aos menos favorecidos socialmente destinava-se os rendimentos do ler e escrever, ou seja, uma educação elementar.

Por ser vivido no modelo agrário de economia, não havia necessidade das classes menos favorecidas serem atendidas com uma educação mais formal. Para eles destinava-se trabalho braçal, o que exigia apenas esforços físicos.

Desde o período do Império que a educação foi apropriada pelo grupo dominante para benefício próprio, mantendo seu poder e sua ideologia, demonstrando total desinteresse pela educação popular, permitindo que uma minoria exercesse poder sobre a maioria. Como afirma MARTINS: “... cabendo a essa minoria o ‘direito’ de dar sentido ao mundo, enquanto que aos demais resta a submissão aos ditames dos que ‘sabem das coisas’” (1994, p. 24).

Realidade esta que não difere muito dos tempos atuais, já que o nosso país é formado por graves desníveis sociais, pela situação de pobreza de uma grande maioria da população e por uma estrutura política pouco democrática, estando o analfabetismo diretamente associado às várias formas de exclusão.

Faz-se necessário conhecermos a história do sistema educacional brasileiro para podermos compreender determinados fatos e a realidade que vivenciamos. Assim, para

entendermos o presente, precisamos conhecer o passado, podendo, a partir deste, projetar o futuro.

Não se concebe um educador que não conheça determinados fatos históricos, pois são eles que auxiliam o homem na construção da sua própria história, no seu modo de ser e agir no meio em que vive.

Percebemos que as dificuldades enfrentadas no campo educacional vêm de longo tempo, estando associadas aos fatos sociais, políticos e econômicos.

Dentro desse processo histórico, o ensino elementar da leitura e da escrita, durante muito tempo não foi valorizado, gerando os mais variados estudos no Brasil que dedicam-se à questão da importância da leitura.

Para MARTINS (1994: 25):

A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Todavia, os próprios educadores constataam sua impotência diante do que denominam a 'crise da leitura'.

Precisamos ter consciência das mudanças ocorridas no mundo, frente a contemporaneidade. As condições de vida da sociedade tecnológica atual requer outro tipo de homem, com outra formação para atender as exigências do mercado, acompanhando o processo de produção, adequando-se à vida de um país capitalista que visa o lucro imediato.

## ***2.2* - LEITURA: DA NECESSIDADE À COMPREENSÃO DO MUNDO**

*"É belo modelar uma estátua e dar-lhe vida,  
mas é sublime modelar uma inteligência e dar-lhe liberdade".*

*- Victor Hugo - (ano desconhecido)*

Por ser a leitura uma prática milenar e universal, todos lemos a nós mesmos e ao mundo que está em nosso redor. Como resultado dessa leitura, descobrimos o que somos e onde estamos e 'certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto' (MARTINS, 1991: 15).

A leitura está intrínseca ao nosso viver no mundo, desde a nossa concepção até o nosso último minuto de vida, estando presente em nossa convivência diária. Com os outros fazemos a leitura do mundo, aprendemos o seu significado, ao desvelar novos conhecimentos. Neste sentido, concordamos com FREIRE ao afirmar que:

[...] A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele ... este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos (2001: 20).

Ler é, portanto, um processo contínuo e evolutivo que se relaciona com o nosso próprio fato de estarmos no mundo. Assim, a leitura constitui-se em um precioso instrumento no processo de produção do conhecimento, por possibilitar o contato do leitor com diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo.

[...] Daí a valorização do saber ler e escrever, já que se trata de um signo arbitrário, não disponível na natureza, criado como instrumento de comunicação, registro das relações humanas; transformado com freqüência em instrumento de poder pelos dominadores, mas que pode também vir a ser a liberação dos dominados (MARTINS, 1994: 19).

Assim, a leitura é um processo de compreensão, de comunicação e de registro das relações humanas que deve ser conquistada para atender as ações e aspirações dos homens.

A aprendizagem da leitura se dá ao longo de toda vida, dentro de contextos diversificados com objetivos diferenciados que podem ser influenciados pelos variados meios culturais e pelas diversas situações educativas.

CAGLIARI (1994) evidencia a leitura como sendo uma atividade extremamente complexa, que envolve problemas semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos e fonéticos. Se para alguns é um processo de descobertas, para outros pode ser apenas um momento de prazer. Dificilmente duas pessoas fazem a mesma leitura de um mesmo texto. Cada pessoa tem um jeito particular de ler. Ler implica geralmente fazer interpretações diferentes, considerando a estrutura de conhecimento de cada leitor.

Portanto, a leitura é algo individual, com características pessoais, parte da subjetividade de cada pessoas, como afirma BAGNO (2001) embora a língua falada pela maioria da população seja o português, esse português apresenta alto grau de diversidade e variabilidade, não só pela extensão territorial do nosso país, mas principalmente por causa da injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. Tendo a educação como privilégio de poucos.

Enquanto a escrita é o meio de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de pensamento, assimilação de conhecimentos, nos permitindo interiorizá-los, gerando a reflexão. Dentro desta ótica, as escolas que não lêem para seus alunos e não lhes permitem fazer suas próprias leituras, conseqüentemente estarão fadadas ao insucesso, pois nega o que é fundamental para sua formação. Propiciando conseqüentemente não só o fracasso escolar, como também, enquanto ser humano, integrantes de uma sociedade que requer pessoas cada vez mais capacitadas conscientes e reflexivas, atendendo as exigências da sociedade do conhecimento.

A capacidade de compreensão e habilidade de leitura, estão diretamente ligadas a nossa habilidade leitora, que se desenvolve dependendo do nosso conhecimento sobre a língua enquanto falantes da mesma.

CAGLIARÉ afirma que:

[...] Quem fala a língua com fluência e rapidez é capaz de ler bem e rapidamente, mas quem fala com dificuldade irá ler com dificuldade (...). Ensinar a criança a ler no próprio dialeto é fundamental para formar bons leitores (1994: 154).

Como visto, a nossa habilidade enquanto falantes de uma língua é fundamental para a nossa compreensão e para fazermos uma leitura fluente.

Entendida como toda manifestação lingüística, realizada para expressar os nossos pensamentos, empregada em forma de escrita, a leitura pode ser ouvida, escrita ou falada. E é por intermédio dela que a maior parte dos conhecimentos humanos são obtidos. Por isso, precisamos ler com regularidade, pois ler constantemente implica aprender, conhecer, interpretar e interagir.

Ter uma visão crítica do mundo e compreender a realidade vivenciada para podermos transformá-la, já que devido as grandes desigualdade sociais e econômica, a leitura e a escrita se torna um instrumento de dominação e alienação sobre a grande maioria. Como afirma FREIRE (1987) para pensar certo, descobrindo a razão de ser dos fatos e aprofundar os conhecimentos que a prática nos dá, não são privilégios de uma maioria, mais um direito que o povo tem.

Assim, a principal atividade desenvolvida pela escola na formação do aluno, é a leitura, portanto, o ato de ler se sobrepõe ao ato de escrever. Segundo MARTINS (1994: 23) “ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ‘ler pelos olhos de outrem’”.

Diante disso, <sup>na</sup> formação do bom leitor é melhor que a escola pode oferecer, proporcionando ao indivíduo melhores condições de sobressair-se no seu convívio social. À

medida que compreendemos o meio em que vivemos, nos é permitido fazer uma leitura desse meio, podendo agir sobre ele. Sendo assim, aqueles que não tiveram uma boa formação leitora acabam tendo menos chances no futuro. Nessa perspectiva, não será apenas o diploma que resolverá os nossos problemas, como também a nossa formação leitora.

Nesse sentido CAGLIARI (1991: 148) evidencia que: “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas (...). A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma...”.

Podemos constatar que muitos problemas enfrentados por alunos ao longo de sua formação são decorrentes da deficiência de leitura.

Nos deparamos diante da urgência de uma compreensão mais ampla do conceito de leitura. Por mais que saibamos que um dos principais objetivos da escola seja desenvolver o hábito prazeroso da leitura, ainda nos deparamos com um número alarmante de crianças que não lêem. E, apesar de tamanho enfoque dado à importância da leitura, não entendemos porque ainda vivenciamos os altos índices de analfabetismo, nos quais a realidade apresentada mostra-nos crianças chegando às quartas séries do ensino fundamental como analfabetas funcionais. Assim, nos questionamos como essas crianças foram trabalhadas nas séries iniciais (alfabetização) e como vivenciaram o processo de leitura e escrita.

### **2.3 - O TRATAMENTO DA LEITURA NAS SALAS DE ALFABETIZAÇÃO**

*“Conte-me, e eu vou esquecer.  
Mostre-me, e eu vou lembrar.  
Envolve-me, e eu vou entender”.*  
- Confúcio - (1995)

O fracasso escolar marcado pelo aumento do acesso das crianças à educação gerou a necessidade de mudanças radicais, ocasionando uma procura aos culpados (alunos, professores, escola, etc.), proporcionando uma revolução conceitual a respeito da alfabetização.

FERREIRA (1995) nos propõe uma discussão sobre a prática escolar no que diz respeito à alfabetização. Tradicionalmente nos questionávamos sobre como ensinar a ler e

escrever, acreditando que o processo de alfabetização limitava-se à sala de aula e que a utilização de métodos adequados garantiriam ao educador a manutenção do controle do processo de alfabetização. Se antes o foco era o “como ensinar”, agora o foco passa a ser o “como se aprende”.

Tudo isso muda radicalmente o papel dos envolvidos no processo educativo, bem como na própria estrutura escolar, com o intuito de propiciar um rompimento do círculo vicioso da reprodução do analfabetismo.

As investigações sobre a psicogênese da escrita na criança nos permite compreender o processo de alfabetização partindo da percepção da própria criança.

Cotidianamente a criança vivencia o uso da leitura e da escrita, <sup>dentro</sup> dos mais variados contextos letrados, como sendo objeto social e cultural, não como um conhecimento elaborado nas hipóteses sobre o uso das mesmas. Uma vez que o conhecimento elaborado deverá ser propiciado pela escola, desde os primeiros anos de escolaridade da criança.

Cotidianamente a criança vivencia o uso da leitura e da escrita dentro dos mais variados contextos, como sendo objeto social e cultural, não como um conhecimento elaborado, nas hipóteses sobre o uso da mesma. Uma vez que o conhecimento elaborado deverá ser propiciado pela escola, desde os primeiros anos de escolaridade da criança.

A maioria das escolas afastam das salas de pré-escola o ato de ler e escrever restringindo-se só ao desenhar e pintar. A criança que no seu meio social vive em um ambiente letrado acaba por ter isso castrado ao chegar na sala de aula. DIAS (2001: 50) afirma que: “ ... quanto mais a criança partilhar de atos de leitura e de atos de escrita, mais fácil será para ela interpretar a aprendizagem da leitura e da escrita como uma extensão ...”.

É por meio de suas produções espontâneas, consideradas pelos adultos como simples “garatujas”, que a criança está fazendo explorações. Tal procedimento possibilitará a compreensão do sistema de construção da leitura e da escrita, elaborando hipóteses e construindo seus próprios conhecimentos que diferem daqueles que são tidos como socialmente válidos.

Dentro ou fora do espaço escolar, a criança recebe informações. A diferença consiste no meio social em que esta vive, já que as informações são variadas e estão dentro de um contexto social de uso. E é neste contexto que a criança dá início a sua aprendizagem. Na escola, estas informações são restritas e descontextualizadas, ao contrário do que acontece fora de seus muros, onde a criança é livre para criar seus textos sem padrões a seguir, visto que em seu interior isso não ser possível, pois a ela só é permitido copiar e jamais produzir.

Uma criança pode até conhecer as letras sem necessariamente compreender o sistema da escrita. Uma vez que a escola só considera e possibilita o saber sistematizado, institucionalmente determinado, enfocando apenas os aspectos gráficos, desconsiderando o construtivo.

Não será o adulto que determinará o momento certo da criança aprender, nem tão pouco o que é fácil ou difícil. É o próprio aprendiz que dirá isso.

Compreendido como uma forma de comunicação entre os seres humanos, a leitura não é algo a ser meramente transferido do adulto para a criança, e sim um processo articulado, independente e seqüencial (DIAS, 2001).

Essa leitura flui naturalmente, mesmo sem termos conhecimento dos códigos escritos. Ao longo do tempo, esses conhecimentos vão sendo aprimorados. Logo, os diferentes signos nos permitem fazer leituras do mundo que nos cerca. Assim:

[...] O ato de ler se refere tanto ao alço escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (MARTINS, 1994: 30).

Vivenciamos na vida etapas que nos levam a compreensão do processo de aquisição da leitura e da escrita. A convivência com os adultos proporciona à criança a prender e conhecer os objetos que estão em sua volta, assimilando suas funções, seu significado. Compreendendo as palavras a serem usadas e a que eles se referem.

Na perspectiva de RANGEL (2001: 82) educar significa:

[...] Ensinar não apenas habilidades, conceitos e conteúdos vários, mas socializar para a vida em sociedade (...). Os alunos e suas famílias não esperam da escola a reiteração de sua própria altura nem 'linguagem pública'. Pretendem a oportunidade de adquirir algo que não lhes foi dado de berço, uma 'cultura escolar', uma linguagem 'cultura', algo que depende diretamente da formação e da disposição dos professores que a escola lhes oferece.

É notório que alguns conhecimentos específicos sobre a linguagem escrita só podem ser adquiridos por meio de outros informantes, não significando que a criança seja obrigada a chegar na escola já alfabetizada. É a escola que tem a responsabilidade social de alfabetizá-la, considerando que a criança já possui um leque de conhecimentos adquiridos no seu meio social e familiar, tendo a escola a função de aprimorar e sistematizar esses conhecimentos.

Se pensarmos que a criança aprende só quando é submetida a um ensino sistematizado, e que sua ignorância está garantida até que receba tal tipo de ensino, nada poderemos enxergar.

Mas se pensarmos que as crianças são seres que ignoram que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez comecemos a aceitar que podem saber (...), saber algo a respeito de certo objeto não quer dizer necessariamente saber algo socialmente aceito como conhecimento (FERREIRO, 1995: 17).

No decorrer de nossas vidas nos deparamos com os mais variados tipos de materiais impressos utilizados no meio social. As observações e análises feitas sobre esses materiais permitem à criança chegar a uma compreensão, percebendo suas funções, seu objetivo. Ocorrendo, portanto, uma leitura significativa e real.

Esse mesmo processo ocorre com a escrita. Em ambos os casos (leitura e escrita), o ser humano precisa ultrapassar etapas diferenciadas e seqüenciadas, percebendo os níveis de evolução de linguagem e etapas necessárias, pois só é possível escrever se tivermos conhecimentos prévios <sup>orçen</sup> a ~~cere~~ do que vai ser escrito.

DIAS (2001) afirma que o desenvolvimento do processo de compreensão ocorre anteriores ao da expressão. "... Primeiro a criança aprende a ler para depois aprender a escrever ..." (DIAS, 2001 apud MORAIS, 1992: 17).

Isso trás sérias conseqüências à aprendizagem dos alunos, visto que as escolas se preocupam mais com a escrita, gerando uma dicotomia entre o ler e o escrever, como se fossem processos dissociados.

Centrada na ótica do adulto, a escola desconsidera todo o percurso realizado pela criança para chegar ao ato de escrever. Dissocia-se o desenvolvimento da oralidade e da compreensão da palavra expressa. Tendo como conseqüência um ensino descontextualizado, que pouco ou nada contribui para a formação de um bom leitor.

Para DIAS (2001: 42):

[...] Ler é atribuir diretamente (ou seja, sem intermediários) um sentido a algo escrito, um texto, questionando esse escrito a partir de uma necessidade e/ou expectativa reais de situações de vida (que são diferentes das situações escolares).

Ao questionarmos o que está escrito desenvolvemos hipóteses sobre seu significado, atribuindo-lhes uma função real de uso, utilizando de diferentes estratégias de leitura, algo que não ocorre de modo sistematizado. Portanto:

[...] É na medida em que se vive num meio sobre o qual é possível agir, no qual é possível com os outros discutir, decidir, realizar, avaliar [...] que são criadas as condições favoráveis ao aprendizado. Todos os aprendizados, não só os da leitura (ou seja) é lendo de verdade, desde o início que alguém se torna

leitor e não aprendendo primeiro a ler [...] (DIAS, 2001 apud JOLIBERT, 1995: 12).

Como visto, a aprendizagem da leitura não ocorre somente na escola com o ensino sistematizado, nem a criança pode ser considerada como uma tábua rasa, desprovida de qualquer conhecimento, passiva à aprendizagem. Precisa-se considerar, porém, alguns fatores que influenciam na aprendizagem das crianças antes de rotulá-las como fracassadas, como o ambiente em que a criança está inserida, a procedência social

Dentro desta ótica, as crianças do meio urbano vivenciam com mais intensidade o uso social da leitura e da escrita, enquanto que na zona rural essa convivência passa a ser restrita ou muitas vezes inexistente. Nesta perspectiva, é visível que as crianças da zona rural apresentarão dificuldades ao tentarem diferenciar atividades de ler e escrever, tendo a escrita lugar privilegiado por produzir resultados observáveis, palpáveis, que deixam marcas. Enquanto o ato da leitura não se dá de forma imediata, nem tão pouco deixa marcas no papel para serem observadas ou comparadas.

Não são os fatores meramente cognitivos que marcam as diferenças existentes entre crianças de grupos sociais diferentes. O próprio meio no qual elas se inserem contribui para o seu raciocínio, pois ao conviver com esse ambiente 'letrado', terá a criança oportunidade de agir ativamente nesse processo, permitindo-lhes observar e descobrir o mundo letrado, havendo assim uma interação com os outros e consigo mesma. Essa ação lhe permitirá a geração de uma reflexão, a percepção de regras de ações que são socialmente estabelecidas, um envolvimento dinâmico que possibilita compreender e interpretar esse universo.

Experiências essas que são negadas aos que pelos mais variados motivos são desprovidos da convivência com leitores ou dentro de um universo letrado.

Assim, a escola e os educadores precisam oferecer condições para que essas diferenças sejam, no mínimo, amenizadas e/ou superadas. Tendo desde a pré-escola a possibilidade de conviver em um ambiente letrado.

FERREIRO (1995: 59) evidencia que "[...] a criança que cresce em um meio 'letrado' está exposta à influencia de uma série de ações. (E) quando dizemos ações, neste contexto, queremos dizer interações".

É preciso propiciar um espaço de descobertas, indicando caminhos, valorizando a capacidade e as construções que a criança se permite fazer. Para MARTINS:

[...] A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses,

necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta (1994: 34).

O ato de ler é em si um complexo, no qual vários aspectos devem ser considerados, pois varia de leitor para leitor, depende do objetivo da leitura e o olhar a que ela se remete, bem como o contexto vivenciado.

DIAS (2001) aponta uma série de questões, orientando-nos sobre as atividades pedagógicas relacionadas a uma leitura real, prazerosa e ampliada. Questionamentos que vão de encontro à perspectiva da escola: como ela e os docentes introduzem o ato de ler nas suas salas de aula e até mesmo fora delas.

Percebemos a necessidade de mudanças no processo ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere a formação de leitores, pois essa formação poderá trazer conseqüências para toda vida. Conseqüências estas que dependerão da prática concebida pelos educadores, podendo estar pautada na construção do conhecimento ou na mera reprodução dos signos lingüísticos. Em uma prática voltada a libertação ou a alienação, dependendo da postura que cada educador assume em sala de aula. E essas conseqüências da ação alfabetizadora estão diretamente marcadas pela percepção que o educador tem desses sistemas (leitura e escrita).

#### **2.4 - LEITURA: TRANSCRIÇÃO OU CONSTRUÇÃO**

*“Ler é adentrar outros mundos possíveis. É questionar a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura escrita...”*

*- Delia Lerner - (1994: 34)*

Intensifica-se as discussões sobre a leitura e a escrita, uma vez que o ensino em geral é concebido nos limites da transmissão dos conhecimentos contidos nos livros didáticos, e embora ensine a ler e escrever, não habilita os indivíduos a fazer uso da leitura e da escrita,

nem desenvolve habilidades de uso social, impossibilitando a compreensão crítica e reflexiva dos fatos que viabilizam a formação de um verdadeiro leitor.

Conforme concebe MARTINS (1994: 25-26):

Como, principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passa a ser identificados como manuais escolares (...), na verdade resultam em manuais da ignorância; mais inibem do que incentivam o gosto de ler. Geralmente transmitindo uma visão de mundo anacrônica, repressiva, tais livros estão repletos de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias, mesmo quando mascarados por recursos formais ou temáticos atuais e não conservadores.

Sob essa ótica, a aprendizagem da leitura, tradicionalmente restrita a mera aquisição e decodificação do código lingüístico, com conteúdos fragmentados, pouco ou nada contribuem para a nossa formação leitora. Em geral não prepara para pensar e solucionar os problemas com os quais nos deparamos cotidianamente enquanto cidadãos e seres sociais, privando os nossos alunos da formação de uma consciência crítica, de uma compreensão mais real do mundo em que vivemos. Para FREIRE, “[...] escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula imagem e realidade” (apud SEVERINO, 2001: 8).

Necessitamos assim de uma sólida formação profissional. Para que as mudanças ocorram, não podemos estar pautados em concepções mecânicas, com ações meramente decodificadoras.

MARTINS (1994: 23) aponta que:

[...] Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguem superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos lingüísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienados. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Enquanto educadores, precisamos ter consciência que ler não é um ato mecânico, descontextualizado, limitado à decifração ou oralização de textos, segundo etapas pré-determinadas.

DIAS (2001: 47) evidencia que a leitura não deve ser tratada como mera decodificação dos sinais gráficos, mas que sirva como “[...] instrumento de transformação social, através do qual o indivíduo poderá ser um cidadão, compreender e transformar o mundo e a realidade”.

A escrita concebida como uma transcrição, dá ênfase apenas aos aspectos auditivos e visuais. Os encaminhamentos dados a leitura e a escrita que derivam desta concepção, acabam centrando esses processos como uma atividade mecânica. Dentro dessa visão, não deveria existir dificuldades para aprender a ler e escrever, já que se trata de uma simples transcrição do sonoro para um código visual (FERREIRO, 1995).

Diferentemente quando no processo de construção da escrita um sistema de representação, algo a ser compreendido e não apenas a aquisição de uma técnica.

A criança não precisa receber autorização para começar a aprender, nem essa aprendizagem ocorre apenas por meio de um ensino sistemático e seqüencial, uma vez que o processo de aquisição da escrita precede e excede os limites escolares. Segundo FERREIRA:

[...] A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade (...). A criança consegue interpretar e produzir escritos muito antes de chegar a escrever ou ler (1995: 43-44).

Nessa perspectiva, ler e escrever não são meras técnicas das quais nos apropriamos pelo simples reprodução do que se ouve ou se vê.

Frequentemente nos questionamos se é possível a criança ler antes de escrever. Verificamos que na perspectiva dos estudos da psicogênese, referendadas por FERREIRO e TEBEROSKY, para que a criança compreenda a estrutura do sistema de escrita, ela precisa vivenciar diferentes etapas que proporcionam fazer atividades tanto de interpretação como também de produção. Logo, a criança pode ler sem necessariamente ter aprendido a fazer uso da transcrição de técnicas seqüenciadas.

Não podemos confundir ler com decifrar nem analisar, nem esperar um leitor passivo que apenas decodifica, pois a leitura é uma atividade cognitiva, requer que o sujeito esteja envolvido, não ler por ler, mas compreender e interpretar o que se lê, utilizando-se de textos reais que tenham significado para a vivencia social do aluno.

Não podemos introduzir a leitura e a escrita de forma mecânica, ensinando os alunos a repetir, a decodificar os símbolos lingüísticos sem compreender o que se faz, tendo como resultado numerosos casos de crianças que decifram e não compreendem, ou escrevem mas não produzem, fazendo a linguagem escolar, uma linguagem deformada sem vida. Somos

conhecedores de que o conhecimento não é adquirido por repetição, transmissão, dentro de um contexto artificial, no qual se prioriza a memorização. É preciso propiciar um ambiente dinâmico em que a criança vá construir seus conhecimentos de forma democrática, reflexiva, contextual e compartilhada. Já que o desenvolvimento é fruto da interação, é preciso propiciar à criança a vivência em um ambiente interativo, rico e envolvente.

O domínio da leitura e da escrita não se dá de forma mecânica, através de métodos de ensino, já que não é o método que cria a aprendizagem, pois a aquisição do conhecimento é fruto da própria ação do sujeito.

Precisamos desmistificar a atual dicotomia existente, na qual, para aprender, a criança precisa saber ler. Fazendo-se necessário reconhecer que a criança é construtora do seu próprio conhecimento e o professor é um mediador que vai facilitar, propiciar essa construção apresentando a leitura e a escrita dentro de um contexto social significativo.

Favorecer o acesso a diferentes tipos de textos, nos diferentes contextos, com várias intenções e diferentes destinatários, criando vínculos entre a cultura e o conhecimento, priorizando não só a aprendizagem dos conteúdos educativos determinados pelo currículo, mas usar a linguagem com vida, como ferramenta de comunicação entre as pessoas e as culturas, desvelando o mundo em que vivem para que possam agir sobre ele.

Partindo do pressuposto de que a aprendizagem da leitura e da escrita é uma responsabilidade de todos os que ensinam e os que aprendem, já não mais se permite ter a visão bancária de educação, na qual o professor deposita seu conhecimento sobre o aluno que apenas recebe passivamente. Criou-se uma nova relação entre educador e educando, na qual ambos se condicionam reciprocamente, mudando sua visão de homem e mundo, onde se busca uma visão global e não mais compartilhada, e à medida que determinamos o meio em que vivemos, vamos sendo também determinados por ele.

Em resumo PEREZ e GARCIA (2001: 24) diz que:

Aprender e ensinar a ler e escrever são fatos relevantes, funcionais e significativos quando aquilo que lemos e escrevemos tem uma finalidade, um sentido, e responde às necessidades funcionais e aos interesses e às expectativas dos alunos, e quando sua conquista é resultado de uma atividade compartilhada e negociada entre aluno e professor em uma escola participativa, cooperativa, flexível, integradora e democrática, que possibilite o encontro e o contato cotidiano com diferentes textos e a interação entre colegas.

É preciso construir uma nova cultura, baseada na compreensão e no respeito, criar elos entre escola e a comunidade, dentro de um contexto, definindo objetivos com propósitos

significativos e relevantes para os alunos, onde eles compreendam o que está sendo feito e perceba-se como agentes desse processo. FREIRE (2001: 21) trata a importância do ato de ler como sendo a “[...] percepção crítica, interpretação e reescrita do lido [...]”.

Perspectiva que difere de abordagens meramente mecânicas do ato de ler e escrever.

Determinadas práticas convergem para que a criança compreenda o conhecimento como sendo algo que só o outro possui, para ser apenas transmitido, sem que haja uma participação ativa dela nessa construção. Algo pronto e acabado, imutável em que a criança é uma mera receptora, não proporcionando uma reflexão a cerca dos fatos.

Tudo isso nos leva a rever a prática docente, sabemos que transformá-la não é algo fácil, porém é necessário. É preciso rever o papel do educador e sua relação com os alunos e com o conhecimento.

A transformação desta prática é que é realmente difícil, já que obriga a redefinir o papel do professor e a dinâmica das relações sociais dentro e fora de sala de aula [...] (FERREIRO, 1995: 39).

Dentro dessa perspectiva, o professor precisa ter conhecimentos teórico-pedagógicos como subsídio para desenvolver em sala de aula atos de leitura que considerem as diversidades textuais, optando pela melhor forma de leitura que favoreça o prazer, a compreensão e a reflexão por parte do leitor.

Somos conscientes que qualquer prática educativa está fundamentada numa teoria de aprendizagem. Se acreditamos que o condicionamento é que provoca a aprendizagem seremos meros modeladores.

Neste contexto, os alunos tendem a não perceber ou até mesmo a não se preocupar com o verdadeiro significado, e o verdadeiro valor que a leitura tem para sua vida. Porém se acreditamos que a aprendizagem será impulsionada mediante desafios e problematizações, seremos assim, um agente incentivador à pesquisa e às descobertas.

Nesse contexto, o educador é um dos responsáveis pela formação de um novo tipo de leitor, capaz de entender as novas exigências do mundo contemporâneo. Tendo nas mãos essa incumbência e responsabilidade, o educador precisa estar certo para propiciar aos alunos tal formação, sendo ele também um bom leitor. Pois, se ele não adquiriu competências básicas de leitura e escritura, como poderá propor essa formação aos educandos?

Então, não poderíamos aqui falar dos desafios vivenciados pelo professor para formar alunos leitores, sem também falar da formação leitora dos próprios professores. Não é

possível discutir o lugar da leitura na escola sem que se discuta o lugar da leitura em nossas vidas.

Precisamos revisitar a nossa própria história e a nossa relação com os alunos, identificando as razões da existência de alunos leitores e não leitores e refletindo sobre a nossa condição e leitores.

Concordamos com CARDOSO (p. 51) ao dizer que “[...] a aprendizagem e compreensão do pensamento do professor é essencial se partirmos do pressuposto de que a inovação só é possível se eles considerados como motores desse processo”.

Ou seja, a mudança de postura, a inovação terá que partir do próprio professor. É ele que decide sua forma de atuação. Se para manutenção ou transformação dos quadros até então.

As instituições educativas precisam oferecer condições favoráveis para construção significativa da aprendizagem, tendo o aluno como ser ativo, tornando-se autônomo no processo de reconstrução do conhecimento, onde a escola como um todo pode ampliar e reformular seus conceitos de leitura.

Neste sentido, acreditamos na possibilidade de contribuirmos para uma reflexão-ação-reflexão, promovendo ações coletivas que viabilizem o processo de formação do leitor crítico e reflexivo. Não como um ato solitário, mas na troca mútua de experiências, partilhando angústias, anseios e resultados, onde cada professor é chamado a desempenhar seu papel de formador. Uma vez que na atual sociedade não há mais espaço para uma prática mecânica de leitura, com procedimentos que exijam do leitor a mera reprodução ou a transcrição do que já está escrito.

Como evidencia BRANDÃO (1981: 30): “[...] um trabalho mecânico de ensino de uma habilidade necessária, mas neutra [...] se aprender pelo esforço do simples repetir sem refletir”.

A formação de leitores emerge como prioridade e como um grande desafio da educação.

Fica claro que sofremos hoje consequências de uma realidade histórica excludente, onde a falta de acesso à leitura e à escrita prejudica sobremaneira a qualidade de vida das pessoas.

No século que está sendo chamado de século do “conhecimento”, mais e mais saberes aliados a competências tornar-se-ão indispensáveis para a vida cidadã.

A igualdade e a liberdade tornam-se os pressupostos fundamentais do direito da educação, pois o acesso ao conhecimento sempre teve um papel significativo na estratificação

social. Ser privado do acesso á cultura letrada é de fato, a perda de um instrumento significativo na convivência de uma sociedade menos desigual e mais justa.

### 3- METODOLOGIA

*Ensino Fundamental / Metodologia*

O presente trabalho constitui-se uma tentativa de superar as dificuldades inerentes ao processo da leitura e escrita.

Foi desenvolvido com oito professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Instituto Educacional Antônio Lacerda Neto, com o intuito de:

- Possibilitar acesso a conhecimentos teóricos que nos levam a refletir sobre o processo de aquisição da leitura e sua importância para a formação do cidadão crítico;
- Refletir sobre os problemas da leitura e suas funções;
- Discutir novas possibilidades de trabalho que favoreçam o desenvolvimento de uma prática voltada a formação do leitor crítico e reflexivo.

Neste sentido, investigar a prática pedagógica dos profissionais frente a leitura, foi condição necessária para compreendermos o por que dessas temáticas leitura e escrita, serem motivo de discussão e reflexão entre teóricos do campo educacional. Bem como, analisar a prática docente no ato de ensinar a ler, na perspectiva de contribuir para melhoria dessa prática.

Realizamos um estudo de caráter qualitativo e exploratório. Qualitativo por partir do “fundamento de que há uma relação dinâmica, entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2001: 79).

Neste sentido, entendemos que nós, enquanto sujeitos observadores, fazemos parte do processo de conhecimento em que estamos diretamente vinculados com o objeto em estudo. Diante desta concepção, utilizamos a pesquisa qualitativa, por se preocupar com um nível de realidade que não pode ser quantificada, proporcionando assim uma visão ampla do fenômeno explorado.

Julgamos necessário fazer um levantamento bibliográfica que nos proporcionou uma aproximação com o tema em estudo, bem como subsidio conhecimentos teóricos necessários a pesquisa.

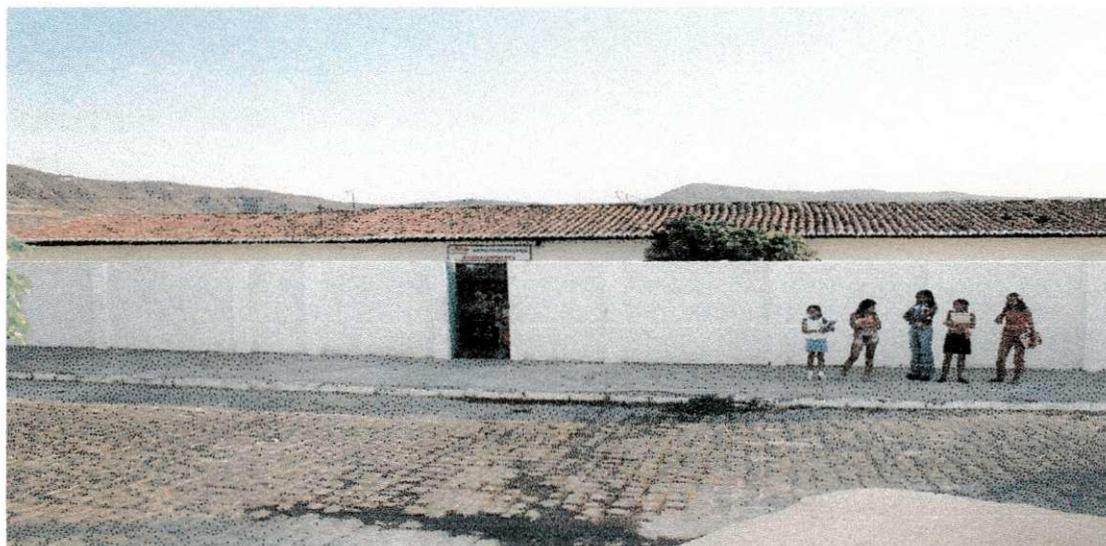
Utilizamos também, no segundo momento, questionários com sete questões objetivas e três subjetivas. Escolhemos o questionário por ser um instrumento de fácil aplicação, obtenção e análise dos dados. Não implica, porém que não possamos

posteriormente adotar outros meios de coletas de dados que venham a enriquecer e contribuir para o tema em estudo.

O referido instrumento nos subsidiou para elaborarmos o segundo momento do nosso trabalho, que contou de encontros com os professores, realizados no horário disponível pela escola. Onde proporcionamos sessões de estudos, com discussões, reflexões abordando a temática.

### **3.1 – ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL**

#### **INSTITUTO EDUCACIONAL ANTONIO LACERDA NETO E SEUS ASPECTOS FÍSICOS E ESTRUTURAIS**



Fachada frontal da E.M.E.I.F. Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto esta localizada a rua Odom Bezerra, sn, centro de São José de Piranhas , cidade situada no alto sertão paraibano.

Para atender a comunidade local, por solicitação de pais de alunos, como também para avançar a educação das crianças de famílias de classe social de baixa renda, o prefeito Joaquim Lacerda Neto no ato de sua gestão em 1985 inaugurou a referida instituição que recebeu o nome Antonio Lacerda Neto em homenagem a um ilustre cidadão piranhense que tinha um influente papel político e social na comunidade.

A escola oferecia apenas a modalidade de ensino infantil, com uma pequena demanda de alunos, até porque a população ainda não valorizava o ensino oferecido pelas escolas municipais. A partir do ano de 1997 o número de alunos foi ampliado com a realização de um concurso público, sendo exigido a qualificação do corpo docente, passando a disponibilizar da modalidade de ensino infantil e fundamental e, atualmente, da educação de jovens e adultos.

A referida instituição funciona nos três turnos, atendendo a duzentos e sessenta e cinco alunos do ensino infantil e fundamental (pré-escola à quarta série). No período noturno contam com cento e cinquenta alunos que participam do Programa de Educação de Jovens e Adultos Fazendo Escola.

Para atender toda essa clientela, a instituição conta com uma equipe formada por vinte docentes, sendo que quatro lecionam na educação infantil, dentre elas, uma tem curso superior, duas têm curso pedagógico e uma está cursando Pedagogia pela UFCG – Cajazeiras. Dez docentes lecionam na primeira fase do ensino fundamental distribuídas nos turnos manhã e tarde, dessas, oito têm curso superior e apenas duas têm o pedagógico. À noite, atendendo a EJA – Educação de Jovens e Adultos – lecionam seis professoras que cursaram o pedagógico.

Quanto ao nosso trabalho, contamos com a participação de oito docentes que lecionam no período da manhã, atendendo a alunos da pré-escola à terceira série. Desse grupo, cinco têm curso superior, uma está cursando Pedagogia e apenas duas têm o magistério. Das oito, sete são professoras efetivas concursadas e só uma é contratada.

Frente às novas tendências pedagógicas e diante de um mundo em constante mudança, a Secretaria Municipal de Educação tem possibilitado estudos de formação continuada, promovendo encontros semanais aos docentes da rede municipal de ensino, onde contam com um grupo de oito pedagogos que realizam os encontros em horários e dias diferentes favorecendo a participação de todos. Pautando seus estudos nos Referenciais Curriculares (Parâmetros em Ação), PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores), entre outras temáticas educacionais com planejamento, avaliação.

A E.M.E.I.F. Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto recebe o mesmo tratamento pedagógico que as demais da rede municipal de educação, com encontros semanais de quatro horas, assim como as demais, é orientada pedagogicamente a desenvolver projetos didáticos, esse ano já desenvolveram o projeto do meio ambiente e folclore.

Seguem o currículo normal de qualquer outra rede de ensino, trabalhando as disciplinas. O tratamento dado aos conteúdos busca despertar competências e habilidades favorecendo a qualidade do ensino. A escola também foi priorizada com o projeto de inglês

para as turmas de terceira e quarta séries, lançado por uma professora da rede municipal que terminou o curso de Letras.

A avaliação dos alunos se dá de forma diagnóstica e somativa, onde o processo de recuperação é contínuo.

O corpo administrativo da escola é estruturado pela administradora escolar Claudinete Gomes da Silva, vice-diretora Maria Joseany Silva e atualmente cotam com a coordenadora pedagógica Suzy França Rolim. Segundo elas, os principais problemas da instituição é a evasão escolar e a repetência. Outro fator determinante é a ausência dos pais dos alunos, pois apesar de buscarem promover o contato deles com a escola, através de reuniões bimestrais e eventos escolares, a participação dos mesmos ainda é pequena e acaba prejudicando o processo de aprendizagem.

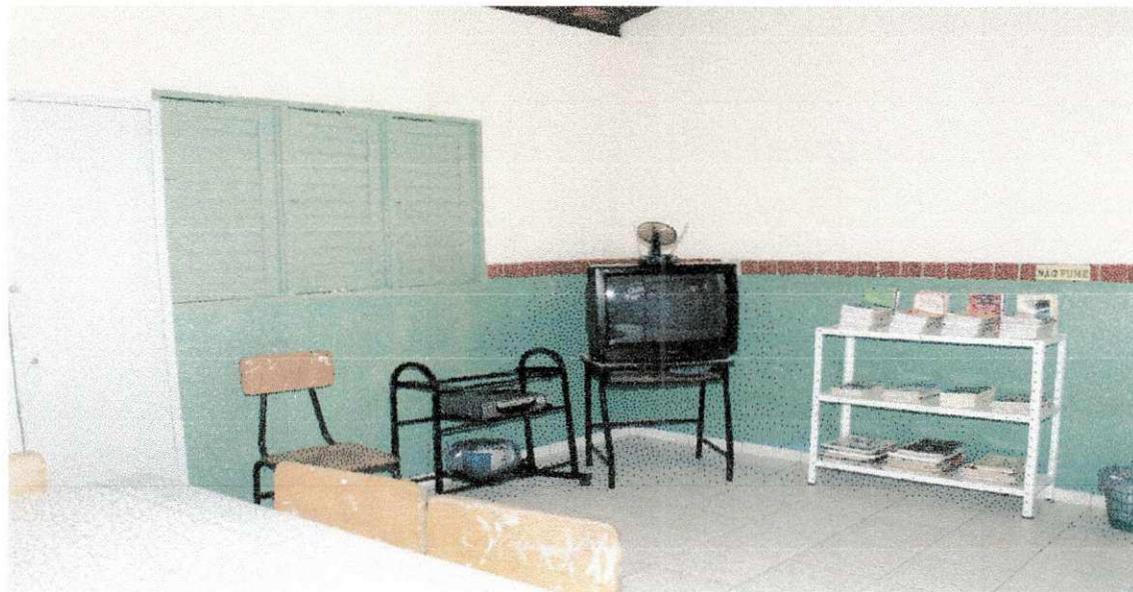
A instituição ainda conta com o pessoal de apoio: auxiliares de serviço, guarda e auxiliares para a biblioteca.



Biblioteca da E.M.E.I.F. Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto

Quanto à estrutura física, a escola possui seis salas de aulas amplas, pátio, cantina, banheiros, secretaria e suma biblioteca, contudo, sua utilização ainda é precária, contando com número muito reduzido de livros. Observamos que contam apenas de exemplares distribuídos pelo Governo Federal, e apesar de contar com duas auxiliares de biblioteca, as mesmas não têm qualificação para determinado cargo, ficando evidente que esse espaço ainda não se constitui em um espaço de leitura, e sim, em meras estantes de livros que quase não

são utilizados. Acreditamos, assim, que a leitura ainda vão se constituir uma prioridade para os alunos e também funcionários da referida instituição.



Biblioteca da E.M.E.I.F. Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto

Assim, realizaremos esse trabalho, na perspectiva de que as mudanças são lentas, porém, necessárias. Uma vez que no contexto atual, faz-se necessário que os professores busquem maneiras que possibilitem aos alunos uma leitura prazerosa, compreensiva, como forma de torná-los leitores críticos e cidadãos conscientes.

## **4- ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **4.1 – ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO**

#### **4.1.1 - CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES REFERENTES AO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA**

O presente estudo teve como objetivo investigar quais são os desafios vivenciados pelo professor no processo de formação de leitores. Neste sentido, este trabalho foi realizado junto do universo de oito professoras de pré-escola à quarta série, da Escola Municipal Antônio Lacerda Neto, localizada na cidade de São José de Piranhas – PB.

Apresenta nesta parte do trabalho a análise dos dados obtidos através da aplicação do questionário com questões objetivas e subjetivas junto as professoras da escola acima citada.

São dados que retratam idéias e práticas docentes, bem como a percepção que as mesmas têm acerca da leitura e sua importância.

#### **4.1.2 - QUANTO AO HÁBITO DA LEITURA**

Das professoras entrevistadas cem por cento responderam que têm o hábito de ler. Isso é fundamental tanto para o crescimento pessoal destas quanto para o melhor desempenho do processo ensino aprendizagem.

Porém, se faz necessário refletir sobre tais afirmativas, já que segundo MARTINS (1994):

... Muitos educadores apregoam a necessidade da constituição do 'hábito de ler'. A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Todavia os próprios educadores constataam sua impotência diante do que denominam a 'crise da leitura' (MARTINS, 1994: 25).

Se os professores afirmam ter o hábito de leitura, porque desenvolver ou despertar nos alunos este hábito que é necessário e deve ser prazeroso torna-se algo tão difícil?

Nessa perspectiva consideremos com LERNER (2001) quando diz que "... operar como leitor é uma condição necessária, mas não suficiente para ensinar a ler ..." (LERNER, 2001:19).

#### **4.1.3 - A RESPEITO DOS TIPOS DE LEITURA QUE COSTUMA FAZER**

Todas afirmam ler livros, dentre eles, cinco lêem textos, quatro lêem revistas e uma gosta de ler gibis.

Supõe-se, portanto que as professoras buscam diversificar suas leituras, algo que é essencial aos educadores. Objetivando desenvolver em sua prática a formação do aluno leitor de forma que o mesmo possa interagir e agir conscientemente no meio que vive. Para LERNER (2001):

Ler é adentrar outros mundos possíveis. É questionar a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura.

Quando o professor permite integrar-se com diversos tipos de leitura, está possibilitando um melhor desenvolvimento de sua prática educativa. Isso revela que as mudanças são necessárias e estão ocorrendo.

#### **4.1.4 - MATERIAIS QUE OS PROFESSORES UTILIZAM NA SALA DE AULA**

##### **PARA TRABALHAR A LEITURA**

Com relação aos materiais utilizados, todos os docentes dizem que utilizam o livro didático. Entretanto, cinco afirmam que, além do livro didático, trabalham com livros de literatura infantil, duas com receitas e uma com panfletos.

Mediante os dados mencionados acima, foi possível perceber que a diversidade faz-se presente na prática destas educadoras, ampliando o conhecimento de materiais impressos e enriquecendo o ambiente educativo, viabilizando assim despertar o interesse dos alunos pela leitura.

Planejar situações onde as crianças tenham oportunidades de se familiarizar com os mais diferentes tipos de materiais impressos, suas características e finalidade – e fazer com que os alunos leiam e escrevam não com o objetivo de ganhar um ‘ótimo’ no caderno, mas para satisfazer necessidades do cotidiano e resolver problemas.

Favorecer a interação do aluno com os diferentes gêneros textuais possibilita ao sujeito não só decifrar, mas compreender o que se lê, seja para fins práticos ou para enriquecer nossa visão de mundo, aumentando a nossa capacidade de se expressar, de se comunicar e defender opiniões, exercendo mais ativa e plenamente sua cidadania.

#### **4.1.5 - QUANTO AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA UTILIZADAS PELOS**

##### **PROFESSORES EM SALA DE AULA**

Unanimemente afirmam realizar a leitura oral, dentre essa unanimidade sete fazem leitura coletiva, seis adotam a leitura individual, três fazem leitura através de dramatizações e três trabalham com leitura silenciosa.

Como podemos perceber as professoras tentam diversificar suas estratégias de ensino, procurando dinamizar o seu trabalho com a leitura. Pois somos conhecedores que o

ato de ler é em si complexo, devendo assim considerar vários aspectos acreditando que a aprendizagem só será impulsionada mediante desafios e problematizações tendo no professor o papel de incentivador e mediador. Como afirma DIAS (2001: 43):

Fazendo com que a escola ou momentos em sala de aula proporcionem situações reais e diversificadas de leitura. (Sem faz-de-conta que está lendo, mas lendo de verdade em textos reais) o que tornará a vida na escola útil à vida do aluno fora da escola”

Nessa ótica, a utilização das estratégias de leitura por parte do professor, torna-se fundamental para que as atividades pedagógicas em relação à leitura possam acontecer de forma prazerosa, não restringindo a mera decodificação.

Fica claro em seus relatos que a leitura predominante é o uso da leitura oral, nos levando a perceber pequenas mudanças no que se refere a nossa cultura, pois segundo CAGLIARI (p 156) “a nossa cultura durante muito tempo se constituiu de livros escritos e da leitura silenciosa visual (considerado por alguns a verdadeira leitura)”.

Hoje percebe-se mudanças significativas já que:

A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas que também ‘lêem’ o texto ouvindo-o. Os primeiros contatos das crianças com a leitura ocorre desse modo ‘(...) ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos, a única diferença reside no canal pelo qual a leitura é traduzida do tato ao cérebro’ (CAGLIARI, 1994: 155-156).

Portanto, quanto mais contente a criança tiver com os meios de leitura oral, maior será o seu desenvolvimento enquanto leitor.

#### **4.1.6 - ANALISANDO AS METODOLOGIAS ADOTADAS EM SALA DE AULA**

##### **PARA DESENVOLVER O USO DA LEITURA E DA ESCRITA**

Todos dizem dar preferência às aulas expositivas e produções textuais. Cinquenta por cento responderam que além das citadas acima, costumam promover debates e apenas uma diz fazer seminários.

Antes mesmo de responderem ao questionamento, argumentaram que não dispõem de materiais didáticos que favorecem a adoção de metodologias mais dinâmicas que venham despertar maior interesse por parte dos alunos. Segundo elas só dispõem do livro didático, giz e folhas (tendo essas em total resumido de uso).

Sendo portanto a aula expositiva a mais acessível às condições de trabalho oferecidas pela escola.

Percebe-se que tentam trazer para as salas de aula inovações que venham a contribuir para a formação do aluno leitor introduzindo metodologias consideradas “novas” como debate, seminários, pois muitos só passam a ter conhecimento das mesmas quando chegam à universidade. Porém, precisamos nos questionar sobre como se dá o uso dessas metodologias em sala de aula. A frequência com que é trabalhado e se realmente desperta para a formação crítica do leitor observando o que preceitua FERREIRO (1995).

A escrita pode ser concebida de formas variadas que dependendo do modo a ser considerado pode acabar gerando conseqüências pedagógicas bem diferentes. Uma vez que por um lado é considerado como representação da linguagem, por outro, como um código de transcrição gráfico das unidades sonoras (FERREIRO, 1995:10).

É preciso portanto perceber os dois processos (leitura e escrita) como sendo indissociáveis não podendo preocupar-se mais com a escrita esquecendo-se da leitura. Na perspectiva de LERNER (2001: 14) “... leitura e escrita se inter-relacionam permanentemente”.

#### **4.1.7 - AO SEREM QUESTIONADAS SE O TRABALHO A COM A LEITURA**

##### **PODERIA INTERFERIR NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

Cem por cento das professoras afirmam que sim.

Esse resultado revela que as professoras têm consciência da importância e da necessidade do hábito da leitura para a formação integral dos alunos, pois segundo CAGLIARI (p. 148):

O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. [...] A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, [...] é uma herança maior do que qualquer diploma.

Talvez seja esse o ponto chave para explicar inúmeros problemas que são vivenciados em muitas escolas, e por que não dizer em nosso país, uma vez que as deficiências geradas na formação do leitor acarretam a evasão escolar, devido a baixa auto-estima por parte de alunos que são reprovados e acabam cursando a mesma série dois, três ou até quatro anos consecutivos. Tendo como conseqüência o aumento nos índices de analfabetos funcionais. Costumamos ouvir nos vários discursos que a educação é a chave para o progresso, como progredir se essa educação não oferece a qualificação dos alunos? Como proporcionar a eles o melhor para o seu desenvolvimento, se não despertam sua criticidade? Desta forma, nos distanciamos da educação libertadora tão defendida por FREIRE (2001). Assim:

Escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula 'linguagem e realidade (FREIRE, apud SEVERINO, 2001: 8).

Portanto, é a formação do bom leitor que irá favorecer a compreensão, reflexão e o entendimento, desencadeando a verdadeira aprendizagem.

#### **4.1.8 - QUANTO À IMPORTÂNCIA DA LEITURA**

Por ser a escola um espaço formal onde ocorre sistematicamente o processo de construção do conhecimento, faz-se necessário que os professores desde cedo incentivem em seus alunos o hábito de leitura, bem como seja também ele um leitor, tendo conhecimento do quanto a leitura é garantia de maior sucesso no processo de desenvolvimento e da aprendizagem.

Neste sentido, passaremos a apresentar a concepção que cada professor que participou do estudo tem com relação a importância da leitura.

Deixamos claro que as professoras serão identificadas por uma seqüência de A à H, objetivando resguardar a identidade das mesmas. Observemos seus relatos:

A – “A leitura é desenvolvimento do aluno como um todo”.

Percebe-se que a professora tem consciência do quanto a leitura é necessária para o desenvolvimento integral do seu aluno. Comungando com MARTINS (1994: 22-23) quando diz que “saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significa possuir as bases de uma educação adequada para a vida, [...] ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ‘ler pelos olhos de outrem’”.

As professoras B, C, D e F comungam das mesmas idéias. Segundo elas, a leitura é importante para o desenvolvimento tanto do aluno quanto do professor, sendo essencial para o processo de ensino aprendizagem, e será através dela que o aluno irá aprender a ler e escrever. Observemos os seus depoimentos:

“A leitura é de suma importância para o ensino-aprendizagem tanto do aluno como para o professor, pois é essencial para uma maior aprendizagem” (professora B).

“A leitura é importante para o desenvolvimento do aluno, em todas as disciplinas do processo ensino-aprendizagem” (professora C).

“Através da leitura que o aluno vai aprender a escrever e a ler” (professora D).

“A leitura é de grande importância, pois é através da leitura que o aluno aprende a ler e a escrever” (professora F).

MARTINS (1994: 20) diz que “a aprendizagem em geral a da leitura em particular significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica igualmente um comprometimento, acarreta alguns risos”.

Essa aprendizagem deve ocorrer por parte de ambos, educadores e educados, especialmente pelo educador, pois parte dele o incentivo, o estímulo, querendo ou não, somos ponto de referência para os nossos educandos. Portanto, se faz necessário que os professores se tornem leitores podendo assim, formar bons leitores. Para CAGLIARI (149) “tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver”.

Para as professoras E e G será o hábito de ler que irá desenvolver nos alunos o gosto pela leitura.

Desenvolver esse hábito é de fato um dos grandes problemas que vem sendo vivenciados no cenário da educação brasileira. Concordamos com CAGLIARI (p 150) quando

diz que “a escola que não lê muito para os seus alunos e não lhe dá a chave de ler muito está fadada ao insucesso. O não saber aproveitar o melhor que tem para oferecer aos alunos [...] a leitura é o alimento da alma”.

Por isso, a leitura deve ser vivenciada diariamente nas nossas salas de aula, oportunizar aos nossos alunos o direito de conhecer a leitura não como simples ato de prazer, mas como um ato necessário para o nosso crescimento individual e coletivo. Como diz a professora H, “é acima de tudo uma necessidade para todo ser humano”.

De modo geral, todas as professoras concebem a leitura como alavanca para resolver problemas relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, nas diferentes disciplinas e no processo global da educação.

Entender que os alunos deve ler não apenas para decodificar símbolos lingüísticos, e sim na perspectiva de além de se construir um hábito, torne-se também um desejo, pois “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados” (MARTINS, 1994: 34).

Por isso, torna-se necessário que esse desejo seja aflorado, cultivado desde cedo, não só no ambiente escolar, como também no familiar, para posteriormente tornar-se um hábito.

Para tanto, é preciso que se tenha uma visão ampliada do ensino da leitura e esse ensino só fará sentido para o aluno se incluir tanto os textos que respondem às exigências práticas da vida diária, como também aqueles que favorecem a reflexão crítica e possam humanizar nossa existência enquanto seres humanos que pensam, sonham, amam e agem, conforme adverte: hoje, a necessidade de ler é fato presente no cotidiano de todos os povos. [...] Ela nos enleva em sua ação libertadora e criativa (Revista Construir).

#### **4.1.9 - DESAFIOS NO ENSINO DA LEITURA**

Nesse questionamento há um consenso de idéias nas afirmações das professoras. Apontando como principais problemas: a falta de material didático, a dificuldade que os alunos têm de compreender e interpretar o que está lendo. Segundo as docentes investigadas isso acaba influenciando o aluno a não gostar e a não aprender a ler. Vejamos o que dizem as professoras B e H:

B - “É despertar o gosto de ler e interpretar o que está lendo”.

H - “Fazer os alunos gostarem”.

Das afirmações, constata-se que despertar nos alunos o interesse pela leitura é um dos graves problemas enfrentados pelos professores. Como relata a professora G:

G - “O maior desafio é desenvolver no aluno a interpretação daquilo que lê, pois só assim o aluno vai despertar o interesse pela leitura”.

Pelos depoimentos acima percebemos que os problemas vão além da falta de material didático para subsidiar o trabalho pedagógico em sala de aula. A urgência de rever metodologias e criar oportunidades para despertar no educando o interesse pela leitura. O que segundo MARTINS (1994: 82) [...] compreendê-la e para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais.

Pelos depoimentos fica visível que as professoras culpam muito os alunos por não terem interesse ou não gostarem de ler, porém reconhecem também que sua prática precisa ser reavaliada, inovada. Para tanto, se faz necessário que o professor possua embasamento teórico mínimo sobre leitura, que sirva para direcionar-lhe a prática, pois só se ensina bem o que se conhece bem. Podendo assim, realizar inúmeras atividades que venham desenvolver nas crianças o gosto pela leitura.

Como diz a professora E: “devemos trabalhar textos desafiadores que despertem no aluno a curiosidade de ler duas ou mais vezes”.

Assim, para que a leitura de fato aconteça, educandos e educadores devem acreditar que o texto tem algo relevante a dizer. Uma prática necessária e não apenas imposta pela escola.

#### **4.1.10 - QUESTIONADAS SOBRE COMO AVALIAR SUAS PRÁTICAS DE**

##### **LEITURA EM SALA DE AULA**

As professoras consideram que desenvolvem um bom trabalho com leitura. entretanto, reconhecem algumas limitações no tratamento didático relativo à leitura. nesse contexto, vejamos o que diz MARTINS (1994: 23):

Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos lingüísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Refletir sobre a nossa prática, avaliando e reavaliando nossa postura, frente ao processo educacional torna-se indispensável diante de um mundo em constante mudanças.

“Educação no mundo globalizado tem função menos lecionadora e mais organizadora do conhecimento” (GADOTI, 2003: 20).

#### **4.1.11 - COM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES QUE SE FAZEM RELEVANTES NO TRABALHO DOCENTE PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Das oito professoras que participaram desse estudo, sete afirmam ser relevante trabalhar com a diversidade textual, inovando metodologias e estratégias de ensino, despertando e incentivando o gosto pela leitura. Como também fazer leituras diárias, objetivando envolver os alunos. Em seus relatos as professoras ainda fazem outras considerações que favorecem significativamente o trabalho com a leitura. Vejamos:

B – “Trabalhar a auto-estima do aluno fazendo com que ele se sinta capaz, trabalhando textos diversificados condizendo com a realidade do aluno”.

H – “Fazer com que eles tenham prazer na leitura. sendo com eles e para eles”.

Os seus depoimentos nos levam a acreditar que todas as professoras conhecem os melhores caminhos para realizar um trabalho dinâmico, indo de encontro as perspectiva do educando, atendendo as suas necessidades e especificidades. Esperamos que tais atitudes estejam presentes na prática educativa de todos os educadores.

É preciso superar métodos que reduzem a alfabetização a decorar os sons, com uso de letras, sílabas, palavras soltas e frases fora de contexto, empobrecendo a aprendizagem da leitura e da escrita. Tais métodos só limitam ou impossibilitam a aprendizagem.

O uso dos diversos gêneros textuais possibilita ao sujeito não apenas decifrar, mas compreender o que lê e se tornar um leitor autônomo, facilitando a resolução de problemas do cotidiano, enriquecendo sua visão de mundo, permitindo ao sujeito exercer, mais ativamente plenamente sua cidadania.

O papel do professor nesse processo de construção é absolutamente necessário como afirma CARDOSO (p 53):

É o professor quem decide sua forma de atuação em classe, quem escolhe quais são os conhecimentos sobre os quais baseará sua atividade, qual será sua programação, que mudanças introduz ou qualquer outra variável que determine sua forma de ensinar. [...] Não tem muita utilidade apresentar aos professores um acúmulo de informações a proposições sem que eles estejam realmente implicados no processo.

## **4.2 - ANÁLISE DO ESTÁGIO**

### **4.2.1 - REFLETINDO A PRÁTICA DOCENTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS VIVENCIADOS**

Discutir o lugar da leitura na escola é sobretudo discutir o lugar da leitura em nossas vidas. Identificar o que contribui ou não para que enfrentemos dentro da escola tantos problemas na formação do aluno leitor, e conseqüentemente refletir e tentar compreender o que nos leva a ter não só alunos, como também professores, pais e sociedade, leitores e não leitores.

Problemas estes que devem ser vistos dentro de um processo articulado que veicula não só o espaço restrito a escola, mas que deve ir além de seus muros, fora dela. Por estar dentro de um meio social, atendendo seus anseios e expectativas, sejam eles econômicos, sociais ou políticos. Pois como diz BRANDÃO (1995) “a educação é um dos meios de que os homens lançam mão para criar guerreiros ou burocratas. Ela ajuda a pensar tipos de homens. [...] Ela ajuda a criá-los, através de passa de um para os outros o saber que os constitui e legitima” (BRANDÃO, 1995: 11).

Assim, essa parte do trabalho objetiva apresentar uma síntese das discussões e reflexões propiciadas pelo nosso estágio, junto as oito professoras da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto, na cidade de São José de Piranhas, estado da Paraíba. Retratando as concepções dos docentes referente a temática em estudo “leitura”, e procurando, desta forma, identificar os desafios enfrentados pelas mesmas para que tenhamos o ensino da leitura não apenas como aquisição de uma prática imposta pelo sistema educacional, que se constitui um hábito, necessita vir a ser algo de ordem do desejo sendo necessário a vida.

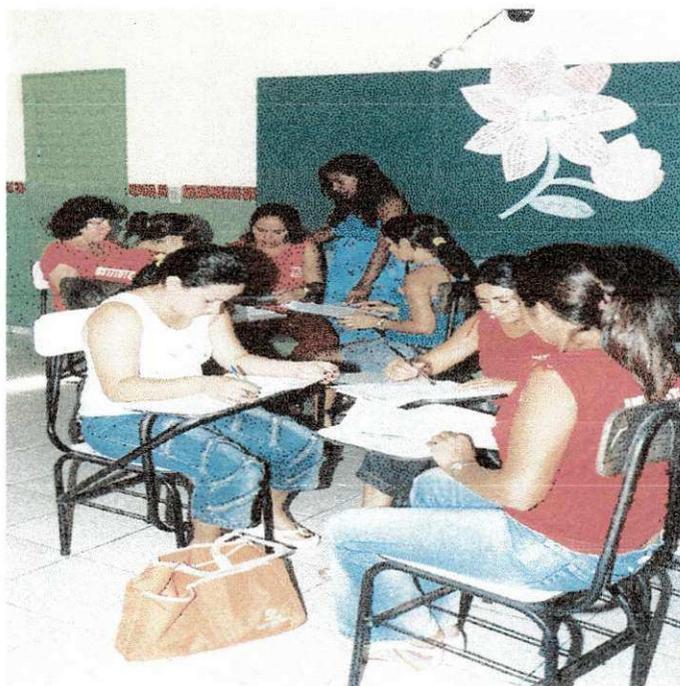
Desejamos, dessa forma, contribuir para mudanças pequenas, porém significativas na prática pedagógica da leitura. Sucitado o debate e a reflexão da prática. Estabelecendo um estudo sobre a formação de leitores na escola, com o foco voltado para as dificuldades enfrentadas pelas docentes que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental, discutindo a

prática pedagógica desenvolvidas em sala de aula, as condições de leitor do professor, emergindo de discussões coletivas proporcionadas nos oito encontros realizados com as oito docentes da referida instituição citada acima.

Na realização dos encontros, pautávamos em textos de fundamentação teórica enfocando o tema leitura dentro da perspectiva de renomados autores, a exemplo de FREIRE (2001), FERREIRO (1995), CAGLIARI (1994), DIAS (2001), MARTINS (1994), PEREZ (2001), CARDOSO (1993), entre outros.

Como também nos subsidiávamos de textos reflexivos e dinâmicos, que proporcionaram questionamentos e reflexões voltadas a temática.

A princípio fiz a apresentação oral do projeto, especificando os objetivos e apresentando a justificativa. Deixando claro que não pretendia resolver todos os problemas da escola, o que estava sendo proposto era uma discussão, troca de experiências, esperando que pudéssemos trazer alguma contribuição para melhorar a qualidade no processo ensino-aprendizagem.



Professoras trabalhando o tema do estudo: leitura.

Refletindo a mensagem do texto de Paulo FREIRE “o ato de estudar”, a professora E deu o seguinte depoimento:

Uma das dificuldades que enfrentamos é justamente a mania que temos de só copiar e nunca produzir. Agora na universidade estou encontrando várias dificuldades por não ter o hábito de ler e de produzir.

Como exigir do meu aluno que ele produza se eu mesma não tenho esse hábito?

Diante do seu relato percebemos que há uma contradição entre o depoimento do estágio com a resposta dada na aplicação do questionário, quando afirmavam no questionário ter o hábito de ler.

Isso demonstra que enfrentamos inúmeros problemas na vida cotidiana, decorrentes da nossa formação leitora. Dessa forma, todos comungamos com as idéias de CAGLIARI (1998: 16): “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”.

Essa citação de CAGLIARI (1998) gerou discussões significativas, evidenciamos isso pelo depoimento das docentes H, B, A e D.

“Fiquei emocionada ao ouvir essa citação, me faz recordar o meu avô, que não tinha um diploma, mas era um homem muito culto, por dedicar a maior parte do seu tempo a leitura de diferentes livros. Isso só proa que o diploma não é tudo” (professora H).

“Realmente é uma opção de cada um despertar em si o gosto e o prazer de ler” (professora B).

“Só que precisamos ler não só o que gostamos, mas também o que é necessário para superar certas dificuldades” (professora A).

“O problema é que a gente só quer ler o que gosta e pronto” (professora D).

Percebemos que foi possível despertar emoções e fazer perceber o quanto a leitura é indispensável para a formação crítica do cidadão. E a escola como todo precisa despertar para isso, já que segundo FREIRE (1996: 76) “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a”.

Conhecer as concepções de leitura dos integrantes do grupo é algo fundamental para a educação do estudo que pretendemos realizar. Quando questionada sobre o que é leitura, escreveram:

“É a base fundamental para o crescimento e desenvolvimento do ser humano em busca de novos conhecimentos” (professora A).

“É o caminho aberto para um novo mundo” (professora B).

“É uma grande descoberta para ampliar seus conhecimentos e melhorar suas ações” (professora C).

“A leitura é muito importante para nossa vida em busca de novos conhecimentos”  
(professora D).

“Leitura não é só ler, mas saber o que estamos lendo e saber contextualizar a leitura que estamos lendo. Lendo a relendo é que gostamos cada vê mais de ler” (professora E).

“A leitura é a melhor forma de aprender. Ou seja, é tudo na vida do ser humano”  
(professora E).

“A leitura é uma maneira de crescer como indivíduo, pois é lendo que passamos a gostar de ler” (professora G).

“É a base de sustentação para o nosso crescimento profissional, mental e espiritual”  
(professora H).

Conhecer os conceitos que as docentes têm em relação a leitura evidenciando sua influencia para o processo de ensino aprendizagem é essencial para a formação de leitores efetivos. Percebemos também que as professoras têm um entendimento amplo a respeito da leitura.

Nesse sentido, as concepções de leitura apresentadas pelas professoras aproximam-se da concepção de leitura de FREIRE quando afirma que “ler vai além da decodificação da palavra escrita”.

Ser professor não só é transformar a informação em conhecimento ou consciência crítica, mas também formar pessoas. Nossa profissão centra-se na vida, e educamos quando ensinamos o sentido do porque e para que as coisas acontecem.

O conjunto das professoras denuncia a falta de recursos das escolas públicas, tanto recursos didáticos quanto de livros didáticos e paradidáticos que venham a contribuir para a qualidade das aulas tornando-se mais dinâmicas e subsidiar a fundamentação teórica de suas práticas.

As professoras C e E comungam da opinião das demais colegas. Entretanto, discordam no ponto que trata sobre a fundamentação teórica, a formação docente, pois segundo elas os professores também são de certa forma culpados, devido o comodismo, falta de tempo, pois devido a desvalorização salarial acabam enfrentando uma verdadeira maratona, ensinando em duas ou três escolas diferentes. Onde não enxergamos ou não sabemos aproveitar certos recursos didáticos que estão a nossa volta.

Vejamos o que diz a professora E:

“Certo que a escola não tem muitos recursos, só que, nos encontros de formação recebemos vários textos, muitas vezes, só dobramos e guardamos sem nem se dar ao trabalho

de ler. Chegam revistas, panfletos na escola que poderiam auxiliar o nosso trabalho. e nós muitas vezes nem olhamos”.

O que nos deixa felizes é sabermos que sementes estão sendo lançadas, cabe a cada um fazer com elas germinem. Assumir nossas dificuldades e as nossas culpas é estar abertos às mudanças. Concordamos com FREEIRE (1996: 43) quando diz que “[..] é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Algumas professoras assumem que estão mudando sua prática. Elas disseram que:

“Realmente muitas mudanças vêm ocorrendo, principalmente após os estudos dos Parâmetros em Ação e do PROFA, porém a escola não oferece ainda melhores condições de trabalho” (professora E).

“Já estamos mudando um pouco nossa prática, dando mais ênfase a leitura” (professora G).

“Antes costumávamos de deter só em cópias, e isso, é o que leva os alunos a chegarem na segunda e terceira séries sem saberem ler”.

É possível perceber que há disposição por parte dessas docentes em efetivar mudanças em sua prática pedagógica. Infelizmente é preciso admitir que muitas vezes estes professores estão submetidos a desafios que não podem ser resolvidos por falta de recursos e/ou competência, gerando sua baixa auto-estima.

Uma das professoras apresenta uma visão bastante restrita quanto à assumir-se também como culpada pela qualidade do ensino. Vejamos o que indaga a professora B:

“Também com o salário que recebemos?”

Sua indagação e/ou indignação nos leva a refletir sobre o conceito dado por CARDOSO (p 51):

A exploração e compreensão do pensamento do professor é essencial se partimos do pressuposto de que a inovação só é possível se eles são considerados como motores desse processo [...] temos que considerar que não é suficiente que o professor saiba o que tem que ser feito, mas ele tem que desejar realizar sua prática de determinada maneira”.

Portanto, falar dos desafios vivenciados pelo professor para formar alunos leitores é também falar da própria formação do professor e de suas concepções e expectativas frente ao processo.

Segundo a professora C, para mudar alguma coisa é preciso que haja participação de todos os envolvidos. “Sabemos da importância do nosso papel, porém precisava que todos cumprissem com o seu, governo, sociedade e os pais”.

As demais professoras concordam dizendo.

“Concordo que o papel do professor é importante, porém muitos alunos não querem nada, e além disso os pais não ajudam” (professora D).

“A gente passa atividade para casa e volta do mesmo jeito” (professora G).

Como visto, a participação e a influência da família é fundamental e indispensável para a qualidade da aprendizagem da criança. Para ZABALA (2005: 23) “[...] os professores não contam com as famílias e elas, por sua vez, não participam. É preciso acabar com isso, pois o comprometimento dos pais no projeto educativo determina a qualidade do ensino”.

Verifica-se um certo grau de distanciamento entre família e escola, provocado por fatores sócias, culturais e econômicos, que acabam refletindo negativamente sobre a aprendizagem dos alunos. Sendo mais um dos desafios a serem enfrentados pelos educadores.

Sendo assim, abordamos questões sobre a procedência social dos alunos e a influência dela para a aprendizagem, gerando questionamentos que levou-nos a diferenciar a qualidade do ensino das instituições públicas versus instituições privadas.

Onde a professora E fez a seguinte indagação: “por que será que as crianças que frequentam escolas particulares aprendem a ler mais rápido e das escolas públicas chegam às vezes à quinta série sem saber ler?”.

Unanimemente são apontadas algumas vantagens que a instituição privada tem sobre a pública, dentre elas: a participação dos pais, a disponibilidade de materiais didáticos e tecnológicos. Enquanto que nas instituições públicas os alunos são oriundos de famílias carentes, pais analfabetos, faltam recursos e incentivos. Vejamos o depoimento das professoras:

“Os alunos da nossa escola vêm de famílias pobres, pais analfabetos, alcoólatras, que pouco ou nada influenciam para que os filhos venham à escola. Muitas vezes só preocupa em não perder o Bolsa-escola” (professora H).

“Não podemos comparar nossos alunos com aquelas crianças que têm tudo, convivem em ambiente de leitura, recebem incentivos dos pais” (professora F).

Fica evidente que a origem social dos sujeitos reflete no processo ensino-aprendizagem, não porque saibam mais, e sim por terem tido oportunidade diferentes. Para BRANDÃO (1995: 110) precisamos “acreditar que o ato humano de educar existe tanto no

trabalho pedagógico que ensina na escola, quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo”.

Somos conscientes que não há neutralidade na educação, ou se tem uma prática voltada a libertação ou a alienação e manutenção da estrutura dominante vigente estando a educação voltada muitas vezes a reproduzir a ideologia dominante.

Percebemos essa consciência pelo depoimento de algumas professoras quando dizem:

“Nossas escolas públicas são voltadas a atender políticas que privilegiam a uma minoria dominante, para que ela se mantenha no poder fazendo com que os alunos aceitem tudo passivamente, acomodando-se com a situação de pobreza” (professora C).

“Se queremos mudar alguma coisa em nosso país precisamos mudar o tratamento dado a leitura, trazendo textos do interesse do aluno, que sirva para resolver problemas do seu dia-a-dia levando a refletir e compreender determinados fatos da nossa sociedade” (professora H).

Mudar a nossa prática implica mudar nosso pensamento. O que nos deixa felizes é saber que alguns profissionais estão aos poucos percebendo que as mudanças são necessárias e urgentes e a educação é um dos meios para se ter uma sociedade melhor, menos desigual.

O pensamento da professora C comunga com o que afirma BRANDÃO (1995) quando diz que:

Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominação [...]. Ela pode existir por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na discussão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos.

O texto reflexivo “os sonhos e os professore” (CURY) levou-nos a refletir sobre a sublime tarefa de educar para a vida, uma educação prazerosa e atraente; educar para a cidadania e acreditar na educação como mola mestra para a transformação pessoa e social.



Professoras em roda de discussão sobre a leitura na prática escolar

Para os professores há muito a ser feito. Nas nossas discussões elas apontam sugestões do que fazer em sala de aula para proporcionar alguma mudança, retratando atitudes que podem e devem ser mudadas.

“Não podemos aceitar que os alunos apenas copiem e reproduzam o que ensinamos, mas que eles sejam capazes de criar, construir, tendo assim, uma educação significativa” (professora C).

“O que a gente quer que os alunos fiquem quietos nas carteiras, não façam barulho e apenas copiem o que o professor determina. Não nego, muitas vezes meu aluno quer dizer alguma coisa e eu nem escuto o que ele tem a dizer, mando sentar e pronto” (professora A).

“Trazer para sala de aula textos significativos, para despertar o interesse dos alunos desde a pré-escola” (professora G).

Segundo as docentes outro fator que contribui para as dificuldades do ensino da leitura está relacionado as séries iniciais (pré-escola e alfabetização). Elas desabafam dizendo:

“Concordo que a principal atividade desenvolvida pela escola é a formação do aluno leitor, mas acho que a base está na alfabetização, pois as crianças quando chegam à primeira série precisam ver conteúdos de outras disciplinas, e como vamos fazer isso se o aluno não sabe ler, não conhece nem o alfabeto?” (professora C).

“As escolas têm mania de colocar nas salas de pré e de alfabetização aquele professor que está perto de se aposentar, cansado. Ou aquele que não tem tempo e quer se livrar de notas em diários, do planejamento

de suas aulas, quando na verdade o melhor professor é o que deveria estar nessas turmas, pois é a base de tudo” (professora F).

Seus depoimentos evidenciam a desvalorização do professor da educação infantil e enfatiza o tratamento da leitura nas salas de alfabetização, para muitos, nesse processo a criança não precisa ter contato com a leitura, a ela é permitido só pintar e desenhar, como se a mesma precisasse estar preparada para aprender a ler, uma visão equivocada. FERREIRO (1995) lembra que a criança é mais que um par de olhos, de ouvidos ou de uma mão que escreve. Ela possui um cérebro que pensa e constrói suas próprias interpretações.

A criança não precisa pedir licença para aprender o que é leitura e a escrita, portanto todas estão maduras para a leitura, cabe ao professor semear livros, revistas e todo tipo de texto na sala.

Percebi que para os educadores a falta de material didático, falta de interesse dos alunos, o não acompanhamento dos pais e o descaso dos governantes, bem como o déficit deixado pelas séries anteriores, especialmente a alfabetização, associados a falta de metodologia adequada, são os principais desafios enfrentados por eles no desenvolvimento do trabalho de formação de leitores.

Evidenciamos que para ocorrer mudanças é preciso o despertar crítico, sobre cada um desses problemas. Requer também um trabalho de cooperação com colegas empenhados na mesma tarefa, mostrando que é preciso seguir a linha de pensamento de LERNER( 2001): “fazer da escola um ambiente propício a leitura, é abrir para todos as portas dos mundos possíveis, é inaugurar um caminho que todos possam percorrer para se tornarem cidadãos de cultura escrita”.

Finalizamos os nossos encontros e esperamos ter proporcionado contribuição para o tratamento dado a leitura, onde as discussões aqui proporcionadas sejam colocadas em prática em sala de aula com os seus alunos para que possamos mudar um pouco a realidade apresentada.

Foi possível perceber que a qualidade da escola depende também da satisfação pessoal dos que estão lecionando. Eles precisam de atualização permanente, recursos e condições de trabalho adequados (ZABALLA, 2005).

O nosso desejo foi de contribuir para mudanças na prática pedagógica da leitura. sabemos que transformar a realidade vivenciada é de fato um desafio complexo, pois, requer políticas educacionais verdadeiramente comprometidas com uma educação crítica, voltada a formação do cidadão consciente de seus direitos e deveres, objetivando obter mudanças que

nos leva a uma sociedade mais justa e igualitária, compreendendo o acesso a cultura letrada como algo que possibilitará uma participação ativa no campo do trabalho, da política e da cultura, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal e coletivo.

## 5- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O ensino da leitura na escola vem se caracterizando como um grande problema na formação de leitores, onde encontramos muitas considerações sobre as chamadas dificuldades de leitura e apesar de inúmeras reflexões em torno dessa temática (leitura e escrita), ainda vivenciamos processos educacionais fragmentados que pouco ou nada contribuem para efetivação da leitura, distanciando o ensino do seu principal objetivo que é a formação do leitor. Nossas discussões levam o grupo a constatar os principais problemas enfrentados, percebendo como tais problemas acabam dificultando o trabalho docente na formação do leitor. Destaca-se os baixos salários, a falta de material didático, falta de interesse dos políticos, a pouca ou nenhuma participação dos pais na vida escolar dos filhos, ao desinteresse dos alunos e o comodismo de alguns profissionais. Segundo elas, esses são os principais problemas que precisam enfrentar.

A partir das manifestações dos docentes frente às problemáticas vivenciadas, acabamos evidenciando que a busca de estudos sobre teóricos que tratam do assunto torna-se fundamental para se obter alguma resposta, tentando propor soluções para alguns desses problemas. Consideramos que é preciso produzir uma mudança qualitativa na apresentação escolar da leitura, onde todos os envolvidos reconheçam sua função e qual participação dentro desse processo tão necessário ao desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo.

Portanto, não adianta apenas conhecer ou reconhecer que mudanças se fazem necessárias para melhorar a qualidade de ensino. É fundamental que além de oferecer uma formação fundamental em conhecimentos teóricos, o próprio professor aceite ou queira adotar mudanças. Precisamos portanto considerar o ponto de vista dos professores e suas particularidades.

Estamos habituados a avaliar constantemente os outros, os nossos alunos. Porém avaliar a nós mesmos e o desenvolvimento e desempenho dos nossos trabalhos, torna-se algo bem mais complexo pois, muitas vezes não queremos enxergar os nossos erros, atestando assim a nossa culpa. Porém, essa avaliação, ou melhor, essa reflexão da prática é fundamental e necessária para transformar práticas formalistas e alienantes em práticas libertadoras, conscientizadoras, formando para a cidadania, contribuindo para mudanças não só educacionais, como, principalmente, sociais, significativas e reais.

Dessa forma, acredito que o nosso objetivo frente a problemática leitura tenha sido atingido. Identificamos as principais dificuldades, discutimos e apontamos possíveis soluções. Refletimos e reavaliamos práticas educativas que viabilizam ou negam o ensino da leitura. Cabe a cada um refletir e assumir-se não apenas como professor e sim como educador que busca formar seres humanos críticos, capazes de ler as entrelinhas de um texto, posicionando-se não apenas na história, mas sendo agente de sua história.

Assumir esse desafio implica abandonar as atividades mecânicas e desprovidas de sentido que geram o distanciamento da leitura, considerada muitas vezes como mais uma obrigação escolar, que não faz parte da sua realidade e portanto não desperta interesse dos educandos.

Porém, ressaltamos que superar esses desafios não é tarefa única dos educadores, sozinhos não podemos solucionar todos os problemas educacionais. O bom seria se cada um fizesse a sua parte. Educadores, governantes, pais de alunos e a sociedade civil em geral. Todos juntos lutando por um mesmo ideal.

Enfim, gostaria de salientar que este estudo terá desempenhado o seu papel sócio-educativo quando favorece a discussão, sendo fonte de informação e conhecimento <sup>acerca</sup> a-cerca da leitura, como também objeto de inquietação abrindo espaço a novas pesquisas.

## 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRENDE BRASIL. Curitiba, ano 2, número 5.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 9 ed. São Paulo: Loyola, 1999. ✓

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. Coleção Primeiros Passos. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. 7 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

CARDOSO, Betariz & TEBEROSKY, Ana (orgs). *Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita*. Petrópolis: Vozes, 1993. ✓

DIAS, Ana Iorio. *Ensino da linguagem no currículo*. Fortaleza: Tropical, 2001. (Coleção para professores nas séries iniciais, v. 5). ✓

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre a alfabetização*. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões da nossa época, v. 14).

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 41 ed. São Paulo: Cortez, 2001. ✓

----- *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005 (Coleção Leitura).

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos). ✓

PELISMARI, Cristiane. *Guia do formador*. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – Ministério da Educação – Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2002.

PÉREZ, Francisco Corvajal & GARCIA, Joaquim Ramos. *Ensinar ou aprender a ler e a escrever?*. Porto Alegre: Artmed, 2001. ✓

PROFESSOR. Brasília, ano 1, número 2.

RANGEL, Mary. *Supervisão pedagógica: princípios e práticas*. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

## 7 - ANEXOS

### 7.1 - QUESTIONÁRIO

Caro professor,

A aplicabilidade desse projeto tem por finalidade analisar a prática docente do ato de ler e ensinar a ler, contribuindo para melhoria dessa prática no contexto escolar. Portanto, solicitamos que responda esse questionário, deixando claro que a referida pesquisa tem finalidades acadêmicas. Desta forma, informamos que será mantido sigilo sobre os dados pessoais dos professores que participaram da referida pesquisa.

Atenciosamente,

Márcia Maria Nogueira

1-Você tem o hábito de ler?

- |                                   |   |                                      |
|-----------------------------------|---|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> sim      | <input type="checkbox"/> semanalmente   | <input type="checkbox"/> mensalmente |
| <input type="checkbox"/> não      | <input type="checkbox"/> quinzenalmente | <input type="checkbox"/> raramente   |
| <input type="checkbox"/> às vezes |   |                                      |

2-Que tipo de leitura costuma fazer?

- |                                   |   |                                 |
|-----------------------------------|---|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> revistas | <input type="checkbox"/> gibis  | <input type="checkbox"/> Outros |
| <input type="checkbox"/> jornais  | <input type="checkbox"/> Leio somente em função das exigências do meu trabalho. |                                 |
| <input type="checkbox"/> livros   |   |                                 |
| <input type="checkbox"/> textos   |   |                                 |

Especifique: \_\_\_\_\_

3-Que tipo de materiais você utiliza na sala de aula para trabalhar a leitura e a escrita?

- |  |                                 |
|--|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> livro didático      | <input type="checkbox"/> Outros |
| <input type="checkbox"/> receitas            |                                 |
| <input type="checkbox"/> panfletos           |                                 |
| <input type="checkbox"/> literatura infantil |                                 |

Especifique: \_\_\_\_\_  
\* Com que frequência esses materiais são utilizados? \_\_\_\_\_

4-Que estratégias de leitura você utiliza em sala de aula?

- |                                     |                                      |
|-------------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> oral       | <input type="checkbox"/> individual  |
| <input type="checkbox"/> coletiva   | <input type="checkbox"/> dramatizada |
| <input type="checkbox"/> silenciosa | <input type="checkbox"/> Outros      |

Especifique: \_\_\_\_\_

5-Quais as metodologias que você costuma usar para desenvolver o uso da leitura e da escrita?

- aula expositiva
- debates
- seminários
- produções textuais

6-Na sua opinião o trabalho com leitura pode vir a interferir no processo de ensino aprendizagem?

- Sim                       Não

7-Qual a importância da leitura?

---

---

---

---

8-Para você, quais são os maiores desafios para trabalhar a leitura?

---

---

---

---

9-Como avalia as práticas de leitura desenvolvidas por você em sala de aula?

---

---

---

---

---

10-Quais atitudes são relevantes no trabalho docente como formador de leitores.

---

---

---

---

## 7.1 ~ FOTOGRAFIAS DAS PROFESSORAS EM ENCONTRO



Professoras em confraternização após o término do estudo



Professoras fazendo leitura compartilhada durante o estudo sobre leitura